

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1984.

Caro Mário

Você verá ficar bastante surpreso ao receber esta carta, pois provavelmente já deve ter-me esquecido. Não sei porque me afastei de você depois da morte de Plínio. Não foi assim que procedi em geral. Afinal, você também fazia parte da herança cultural que Plínio deixou-me e, cabia tão somente a mim recebe-la e aproveitá-la. Nada mais tolo do que este distanciamento no qual me coloquei. Muitos fatores devem ter contribuído para isso: o fato de você residir em São Paulo, o fato de minha vida particular não ter sido das mais fáceis nesses últimos anos, etc. Enfim, aqui estou eu de novo, de maneira um tanto estranha, abrupta, a fim de pedir-lhe um favor bem especial. Faço-o por carta, porque não saberia fazê-lo por telefone. Não sei se tenho o direito de pedir-lhe algo, porém como ambos sabemos que só existem duas possíveis respostas, atrevo-me a pedir.

Não sei o quanto você esteve a par de nossas vidas, minha e de Plínio. O importante no entanto é que você saiba que todos esses anos, fui, não só sua mulher, mas também e, sobretudo, sua discípula. Interessei-me sempre por tudo que ele fazia (evidentemente dentro de minhas possibilidades), por tudo aquilo que estava a meu alcance entender. Após sua morte, que me abriu um abismo, não só afetivo, como também intelectual, procurei organizar-me de forma a continuar no mesmo ritmo em que vinha até então, pretendendo com isso não só preencher o vazio em que me achava, como também situar-me de uma vez por todas, o que de certa forma consegui, com bastante esforço pessoal, mas bastante impulsionada pelo incentivo daqueles que me cercaram no momento. Alexandre Sérgio da Rocha, ex-assistente de Plínio, Saulo Pereira de Mello, Fernando Souza Barros, Paulo Alcoforado, etc. mostraram-se realmente grandes amigos. Estou atualmente ligada ao ILTC - Instituto de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência da UFF e ainda escrevendo minha dissertação de mestrado na UFRJ.

Ora, há mais ou menos dois meses, conversando com um sobrinho de Plínio, Carlos Sussekind e com Leopoldo Nachbin (que tem se mostrado amigo como poucos), soube da existência de bolsas distribuídas para a América Latina pela Guggenheim Foundation. Isso muito me interessou em função de duas coisas: 1) depende, como me informou o Nachbin, primordialmente de um bom projeto, que seja exequível; 2) coloca o limite de idade apenas em termos. Sabendo de minhas pretensões e vendo o meu interesse ele, não só muito gentilmente se propôs, como também fez a indicação

do meu nome e apresentou-se para referenciar-me. A Guggenheim Foundation já me enviou a documentação para ser preenchida até novembro p.f. Seria, no entanto, necessário apresentar nomes que pudessem referenciar-me em minha área. Não creio, todavia, que no Brasil tenhamos filósofos da ciência cujos nomes possam significar algo para a Guggenheim. Pensei então em você, que se não é propriamente um filósofo da ciência, está bastante próximo disso, em René Poirier e em Jean Ladrière, com quem fiz um curso aqui na UFRJ. O Nachbin achou a idéia ótima e, então comecei a pensar nessa possibilidade. Caso não consiga essas referências, não ^{há} quem consultar e então não haverá porque candidatar-me, não é?

Bem Mário, nessa altura você já sabe qual é o pedido que devo fazer-lhe. Será que posso contar com você? Não ficarei aborrecida no caso de uma negativa. Esteja à vontade.

No entanto, como já me estendi até aqui, gostaria de coloca-lo um pouco a par do que venho fazendo. A dissertação que estou me propondo escrever e defender prende-se à "Teoria do Espaço: Newton, Leibniz e a solução kantiana (este é o título), onde simplesmente coloco a teoria de cada um deles, acrescento a Controvérsia Leibniz/Clarke, tudo isso sem maiores investigações. Todavia, meu propósito seria o de ir mais adiante. Não sei se tenho fôlego e conhecimento necessários para tanto, mas gostaria de tentar, seria como um desafio.

Ao estudar os escritos de Kant anteriores à Crítica e, mesmo os posteriores, deparei-me com o problema do "paradoxe des objects symétriques" que os filósofos de língua inglesa designam por "incongruent counterparts" e, por não ter encontrado ainda tradução em português, resolvi chama-los "correlatos incongruentes". Toda a discussão de Kant em torno deles deixa uma curiosa sensação de "entre parêntesis". Nos primeiros comentadores dessa questão encontra-se um posicionamento geral de que este era um argumento definitivo a favor do espaço absoluto de Newton. Entretanto, mais ou menos a partir de 1970, começaram a surgir novos comentaristas em cujos "papers" já se percebe a dúvida criada por Kant, principalmente por ele não haver feito nenhuma referência sobre os "correlatos incongruentes", nem na célebre Dissertação de 1770, nem na Crítica da Razão Pura. Todavia retorna ao problema nos Prolegomena. Visto de todos os seus ângulos o paradoxo dos correlatos incongruentes pode levar a colocações bastante diversas. Kant não defende o espaço absoluto de Newton, nem repudia o espaço relacional de Leibniz. O paradoxo dos correlatos incongruentes é certamente o origem do idealismo kantiano. Nisso concordo inteiramente com o trabalho de Jill V. Buroquer, "Space and Incongruence", que estabelece esta rela-

ção. Além disso, o que desperta meu interessa é saber porque, se Kant tinha chegado a aceitar, em termos, as duas teorias do espaço, ou melhor dizendo não as tinha refutado, porque, nesse exato momento, partiu em busca de uma nova teoria, a sua maravilhosa teoria do espaço e do tempo como formas a priori da sensibilidade. Embora não se possa mais questionar a aceitação dessa teoria, pode-se ~~por~~ outro lado, indagar se ela foi ou não a solução encontrada pelo filósofo para por fim à controvérsia existente (Leibniz/Clarke) e, em função da impossibilidade matemática que talvez tenha sentido existir no caso da aceitação da teoria relacional de Leibniz.

Reunir a literatura existente sobre a questão, quase toda em periódicos ou edições reunidas para consumo de associações filosóficas, tudo isso impossível de ser obtido neste nosso país, confronta-las com os próprios escritos de Kant, debater todas as colocações com os autores dos comentários, se possível, esta é a minha ambição. Não tenho meios financeiros para tanto. Em 1983, tentei iniciar uma busca por minha própria conta tanto na Europa quanto em New York. A busca foi frutífera e a despesa inacreditável. Jamais poderêi repetir a façanha. O momento atual brasileiro interfere em qualquer ambição que ultrapasse fronteiras. Por isso é mais fácil ser-se lacaniano, heideggeriano, sartreano, etc. nada disso pressupõe grandes pesquisas. E, infelizmente essa não é a minha tendência. Vejo-me na contingência de mudar todo o meu questionamento caso não receba esse auxílio da Guggenheim. É a minha última tentativa nesse sentido. Acho que é um bom projeto e uma possibilidade de mostrar que o Brasil também considera seriamente a filosofia e, embora ainda dando os primeiros passos, poderá formar filósofos da ciência, principalmente dentre aqueles que foram diletos seguidores de Plínio Rocha.

Sei que não tenho bagagem nem universitária, nem filosófica para tal empreendimento e, caso não consiga defender essa famosa dissertação até o fim do ano, continuarei sem mesmo ter o título de mestre para abrir meu currículo. Devo apresentar-me então como autodidata e é por isso, sobremaneira, que invoco seu auxílio.

Atualmente está sendo publicado pelo ILTC um trabalho meu sobre filosofia grega "O conceito platônico de participação e, estão cogitando também de um outro sobre "Kant e as ciências exatas". Eu os enviarei caso você queira dar-me sua opinião. Penso também enviar-lhe algum capítulo da dissertação ou ir a São Paulo. Como você quiser. Não hesite em chamar-me.

Agradecendo antecipadamente o que puder fazer por mim, abraço-o carinhosamente

Amme

Meus telefones são 205-2276 (casa) 263-0808 (trab.)
Deixei de dizer que passo 8hs. por dia, digo 9hs, na Embraer para sobreviver